

## **Objetividade dinâmica, sensibilidade e irreverência na produção e comunicação científica na pós-modernidade.**

**Solange Leme Ferreira**

Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Na pós-modernidade, a universalidade e a aparência das verdades absolutas foram questionadas, enfraquecendo o modelo científico que prometia transformar em problemas técnicos todas as questões políticas e sociais. Tornou-se impossível definir uma única metodologia para a investigação, e passou-se a admitir o sujeito como integrante do campo de seu objeto estudo. Sob tal perspectiva, destacam-se a objetividade dinâmica, sensibilidade e irreverência do pesquisador como características relevantes neste processo. As informações científicas não podem apenas ser disponibilizadas, elas devem ser comunicadas de forma inteligível e acessível, por isso, um novo paradigma para a sua divulgação deve ser formatado, a fim de desfazer as fronteiras entre a comunidade leiga e as universidades possam verdadeiramente cumprir o seu papel social.

**Palavras-chave:** ciência; pós-modernidade; comunicação científica.

Ciência é o conjunto de ações que englobam a percepção de um problema, a observação e compreensão dos fenômenos envolvidos, a proposição de estudos e de soluções (Pimenta e col. (2007). Para Popper (2007) só se faz ciência quando se é capaz de fazer perguntas, sendo que as respostas para um determinado corpus nunca se completam. Segundo Zemelman (2006), a construção do conhecimento não é uma mera explicação das coisas, pois deverá levar em conta também o atravessamento de momentos sócio-históricos multifacetados que conformam uma determinada realidade.

Para Santos (1995), o conhecimento é sempre a trajetória de um ponto de ignorância específico para um ponto de saber específico; portanto, há diferentes ignorâncias como diferentes formas de saber e cada vez mais há necessidade de olhar para diferentes trajetórias, para as diferentes formas de ignorância e de saber.

A identificação das lacunas e de vieses num determinado campo do conhecimento geram um estado de dúvida, hesitação, embaraço e tensão, demandando a produção novos dados. Visando minimizar equívocos e incertezas, gradualmente os cientistas vão aprimorando, ou mesmo substituindo, as informações, continuamente atualizando o conhecimento ali estabelecido. Vista desta maneira, a ciência constitui um campo dinâmico de produção de saber, cujo processo é norteado por modelos que orientam o estudo e a investigação, denominados de paradigmas científicos.

Este refinamento contínuo do saber científico requer que tais modelos sejam repensados e reformulados a fim de responder às demandas num determinado momento e campo de conhecimento. Santos (1995) aponta que o paradigma da ciência moderna rompeu com as outras formas de conhecimento, designadas como “conhecimento vulgar”, “conhecimento pouco rigoroso”. O autor considera que foi um rompimento importante, pois as transformações sociais e o conhecimento ocorrem sempre por processos de continuidade e de ruptura; o problema está em saber até onde esta deve permanecer, saber quando esgotam as suas potencialidades. Para ele, cada paradigma torna-se hegemônico durante muito tempo, porque as perspectivas que o mesmo abre são imensamente mais valorizadas e mais importantes do que aquelas que ele fecha.

Vemos, então, que a construção e assunção de um novo paradigma não garantem que o mesmo seja o modo mais apropriado, seguro e definitivo de produzir cientificamente. Trata-se apenas de uma mudança para atender aos questionamentos de um determinado momento, mas que ao longo do tempo também acarretará incertezas e, por isso, deverá ser reavaliado e reformulado, assim determinando uma nova transição paradigmática.

Esse raciocínio pode ser mais bem compreendido se pensarmos na radicalidade do paradigma da ciência moderna, que relegou para a posição de vulgaridade ou de ignorância todas as outras formas de conhecimento. Segundo Santos (1995), este modelo científico trazia consigo a racionalização que prometia transformar em problemas técnicos todos os planos políticos e sociais. No entanto, as consequências do conhecimento científico moderno para a humanidade, que veio, por exemplo, no rastro das bombas atômicas, colocou em xeque este tipo de saber, trazendo à tona a idéia de que o campo de conhecimento social é muito mais amplo do que aquele que cabia no paradigma da ciência moderna.

Se o desenrolar de fatos e atos num determinado tempo e lugar vão determinando e formatando novos paradigmas científicos, a pergunta agora é: como está sendo construída a ciência pós-moderna?

Ao questionar a universalidade das verdades absolutas, o pós-modernismo surgido em algum momento da década de 1970, segundo Harvey (2001) redirecionou as reflexões para os valores e padrões até então pré-estabelecidos e redefiniu o discurso científico. A acomodação frente a formas que dicotomizam, que fragmentam a maneira de pensar e de produzir conhecimento, segundo Oliveira (2001), torna o pesquisador um leitor insuficiente de uma dada realidade. Para Feyerabend (1977), a aparência de verdade absoluta em ciência não passa de um conformismo absoluto no resultado obtido; simplificar a ciência e seus elementos a fim de tornar possível a aplicação de regras metodológicas cria uma enganosa perspectiva de se produzir um conhecimento uno e intacto. Diante disto, esse autor defende que o cientista deve quebrar regras, mesmo que plausíveis e bem fundamentadas pela epistemologia, tornando-se, então, um investigador do conhecimento em constante mutação.

Levando-se em conta que o conhecimento humano comporta condições objetivas de lógica e de incertezas, Morin (1997) diz que é preciso transformar o círculo vicioso da lógica da ciência clássica em círculo virtuoso do método em construção. Para ele, o cientista deveria caminhar em espiral, partindo de uma interrogação e prosseguir empreendendo reorganizações conceituais e teóricas em cadeia até obter “. . . um

encaminhamento do pensamento e da ação capaz de lembrar o que estava mutilado, de articular o que estava disjunto e de pensar o que estava oculto” (Morin, 1997, p. 26).

Outro fato essencial para a atual postura em ciência surgiu com a decadência do mito da neutralidade em pesquisa, afinal, conforme assevera Foerster (1996, citado por Glaserfeld, 1996, p. 115), a objetividade é simplesmente a ilusão de crer que as observações possam ser feitas sem um observador. Deste modo, os paradigmas científicos ligados a modernidade foram enfraquecendo, permitindo ao cientista pós-moderno se desvencilhar do engessamento determinado pela “crença” na objetividade científica herdada do positivismo.

Junto a outros epistemólogos como Popper (2007) e Feyerabend (1977), Kuhn (1970) participou ativamente da discussão sobre a ciência moderna, defendendo que uma nova teoria de ciência será bem recebida se tiver precisão, consistência, simplicidade e amplitude de aplicação. Para uma ciência democrática do século XX, Santos (1988) propõe o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente, segundo o qual todo conhecimento científico é científico-social, não havendo mais porque existir a distinção entre ciências naturais e ciências sociais. Segundo este autor, deixou de fazer sentido a oposição entre o natural e o social, pois, assim como foi possível descobrir as leis da natureza, é igualmente possível descobrir as leis que regem as pessoas em sociedade. R. J. J. Arendt (2003) também afirma que perdeu sentido o debate entre ciências humanas e ciências da natureza, não porque não existam tais instâncias, mas porque elas estão entremeadas e se influenciam mutuamente.

Outro aspecto abordado no questionamento sobre a ciência moderna refere-se à consideração do senso comum como algo distante da verdade científica moderna. Isso, conforme Santos (1988), é ilusório, supersticioso, falso, tendencioso e leva ao desperdício do conhecimento oriundo da experiência social, condenado à morte (epistemicídio) por uma ciência sustentada sobre *razão indolente*. Esta expressão significa que, apesar dos nítidos sinais de insuficiências e crises, a ciência permanece inerte, apática (características da indolência), comportando-se como se fosse verdadeira e universal a despeito de qualquer crítica feita. Santos (1999) afirma que não se pretende uma ciência unificada, sequer uma teoria geral, mas um conjunto de temas integrados, que não dispensem a teoria prévia, o pensamento dedutivo, a investigação exploratória e a minuciosa observação dos fatos, capazes de trazer um conhecimento mais profundo da natureza humana necessário ao enriquecimento prático de nossas vidas neste mundo de perplexidades.

Stengers (2003) considera estar mais que ultrapassada a concepção de que somente é ciência quando há resultados concretos e que, por isso, por exemplo, a filosofia seria apenas um conjunto de palavreado sem importância e arbitrário. Segundo Santos (1999), a resistência em aceitar o conhecimento baseado na experiência tem impedido uma produção científica enriquecida com a diversidade de outros saberes como, por exemplo, aqueles oriundos da filosofia, da cultura e do contexto social.

Uma ciência com regras fixas e universais, diz Feyerabend (1977), é quimérica, dogmática e perniciosa, sendo que sua suposta soberania não justifica que vidas, pensamentos, conhecimentos sejam restringidos ou calados. Para Zemelman (2006), é preciso buscar outros modos de investigação científica, os quais não se submetam à razão instrumental que limita, padroniza e neutraliza o pensamento. Ainda, afirma o autor, cada vez mais conscientizado de sua importância no desvelamento dos sentidos

que estão por trás das lógicas instituídas, o pesquisador deve incorporar-se como sujeito pensante na construção do conhecimento pretendido.

A reintegração do observador como sujeito do processo de produção de conhecimento é, conforme Morin (1997/2003), um dos maiores progressos da ciência pós-moderna, o que levou ao destronamento da antiga hegemonia dos dados objetivos, na medida em que passaram a ser também considerados os dados sensíveis, extremamente úteis para lastrear a compreensão do campo social. Para Feyerabend (1977), a desconsideração da participação do pesquisador como sujeito construtor do saber, uma característica das ciências positivistas, acaba por discriminar de modo desfavorável as áreas de conhecimento que buscam a compreensão dos fenômenos sociais. Shotter, 1992 (citado por R. J. J. Arendt, 2003) também ressalta a mudança de um estilo de observador afastado que testava sua teoria com fundamentos considerados legítimos, para um estilo de observador interativo, em cuja investigação aceita a não universalidade dos dados por terem sua fidedignidade garantida apenas em determinadas situações constituídas.

Enfim, conforme afirmam Pazian e Mattioli (2007), a ciência não passou incólume diante das profundas transformações no âmbito das relações humanas, políticas, econômicas e sociais; também as relações estabelecidas com o objeto de pesquisa se modificaram. Segundo Eloy e col. (2007), além da descrição dos fenômenos e explicitação das relações entre as condições que o integram, houve a necessidade de considerar a interação que se estabelece entre o objeto e o pesquisador, cuja presença no processo tão concreta quanto os fatores sócio-culturais que objetivamente constituem e modelam uma situação em estudo.

Ainda não é possível vislumbrar qual será o paradigma científico na pós-modernidade, que dará melhor visibilidade às condições de funcionamento da sociedade. No entanto, um aspecto parece ser consenso: os novos modos de produzir conhecimento devem ser concebidos, conforme aponta Escobar (2006), não simplesmente para serem radicalmente diferentes, mas sim como uma alternativa metodológica que propicie novas racionalidades e, assim, configurem novas práticas de construção de saberes. Muito mais do que uma mera reformulação do que está posto como conhecimento científico é necessário, conforme Santos (1999), uma nova racionalidade para o seu embasamento, e um método que estimule a pluralidade de saberes compatível com a natureza dos fenômenos humanos.

Assim, na pós-modernidade não há mais espaço para o paradigma cartesiano da ciência positivista; em seu lugar está se formatando um novo modelo que abre espaço para que o pesquisador também integre o campo de estudo. Segundo Maffesoli (1998), as teorias surgem, inicialmente, do domínio da imaginação, da visão e da intuição, num processo no qual as idéias vão sendo estruturadas a partir de verdades aproximativas, relativas a uma dada situação. Frente a esta afirmativa, como continuar considerando o pesquisador como mero espectador da realidade e o conhecimento sobre o objeto como independente de sua opinião, crença, experiência ou formação acadêmica e cultural?

Trazendo esta questão para o campo da pesquisa social, no qual, segundo Santos (1999), os fenômenos serão sempre compreendidos a partir dos sentidos que lhes são conferidos, como não admitir o pesquisador como elemento deste campo de estudo? Para esse autor, o conhecimento construído no campo das ciências humanas não é

nomotético (que segue leis invariáveis), explicativo, nem objetivo, mas compreensivo, descritivo e intersubjetivo, pois que se produz socialmente a partir de diversos sujeitos.

Admitir o novo paradigma que está se clamando na ciência pós-moderna requer, obviamente, uma disposição para a reversibilidade da postura do pesquisador, nem sempre encontrada nos meios acadêmicos. Um exemplo de “reconsideração” sobre o fazer ciência pode ser observado nos depoimentos de Keller (1996), uma bióloga atuante no campo da física. Embora sua formação não seja em ciências humanas, ela constatou ser possível, sim, “olhar” para além das fronteiras de um objeto de estudo e ver outra perspectiva do mesmo. No entanto, alerta a autora, isso só é possível quando o pesquisador está imbuído de uma atitude por ela denominada de *objetividade dinâmica* - aquela que restaura a relação entre o cientista como sujeito perceptual e o objeto que busca estudar.

Nessa relação, é importante destacar dois acontecimentos concomitantes: o ver e o olhar. Segundo Foerster (1996), ver é diferente de olhar, ver é um insight, é o alcance da compreensão de algo, é uma apreensão que não é realizada com os olhos, mas sim através deles, portanto, um fenômeno subjetivo daquele que olha. Deste modo, a objetividade dinâmica no processo de produção científica, além da visão, requer também o olhar do pesquisador, o que demanda reconhecer a sua interferência natural, na condição de ser humano presente na construção do conhecimento pretendido.

Palmieri e Martins (2008) também defendem um olhar dinâmico e sistêmico da realidade, na qual o pesquisador se insere como um sujeito social, cultural e histórico. Estando a pesquisa inscrita numa situação de relações sociais, segundo estes autores, ela é atravessada pela relação entre sujeito e objeto num encontro intersubjetivo com dimensões que emergem no processo, as quais não estão diretamente relacionadas com os aspectos teóricos e metodológicos daquele estudo.

Que dimensões seriam estas? Uma resposta plausível poderia ser a autobiografia do pesquisador que, conforme Goolishinian e Anderson (1996), de forma constante é escrita e reescrita a partir de seu envolvimento em práticas sociais. Nossa autobiografia é continuamente modificada diante das histórias que vão se incorporando umas dentro das outras de modo a fazer sentido, que poderá ser narrada em múltiplas linguagens, como por exemplo, nossa música, nossas ações, nossa roupa, nossa arquitetura e nossa arte. Para Guattari (1996), a narrativa não é um critério de verdade, mas de existência, pela qual se produz outra recomposição de uma realidade, se constroem outros sentidos, a partir de nossas interações sociais.

Segundo Schnitman (1996), a narrativa é uma via que dispomos para refletir sobre como somos “participantes de” e como somos “participados pelos” desenhos sociais. Se nos sistemas explicativo-descritivos científicos anteriores era vedada a perspectiva do observador, no paradigma pós-moderno ele é autorizado a compor o campo de estudo. Permeada pela autobiografia, a sua narrativa vai se construindo com os fatos novos que ele vai percebendo, com as surpresas (o “eureka!” do matemático Arquimedes, lembram-se?) com as quais vai se deparando no campo no qual está inserido. Pelas palavras de Bruner (1990, citado por Schnitman e Fuks, 1996): “A surpresa é uma reação ante a transgressão de uma certeza” (p.291).

Para Gracia (2001) é inevitável que se consolide um novo modelo para a construção do conhecimento, pois não se conhece uma realidade em si mesma, mas sim

o resultado de nossa inserção, de nossa presença nesta realidade. O desafio da ciência pós-moderna é, conforme Keller (1996), definir o paradigma que gerará a representação de uma determinada realidade incorporando o observador como um sujeito pensante e cognoscente. Para a autora é necessário um reposicionamento que leve a uma resignificação do sentido dos enunciados em ciência, que nos aproximará de realizar o sonho de Descartes "... de apresentar o observador do mundo natural 'como um objeto ou espetáculo ante a sua própria visão'" (Keller, p. 103).

Com o enfraquecimento dos paradigmas científicos modernos em seu intento de conhecer objetivamente a realidade, bem como a impossibilidade de uma postura neutra e objetiva do pesquisador que pretensamente legitimaria a cientificidade de seu estudo, qual é, então, a postura esperada de um pesquisador nas ciências humanas na pós-modernidade?

Santos (1995) propõe que tentemos romper com a pretensão da ciência moderna de ser uma forma única de conhecimento, não no sentido de rejeitar todo o conhecimento que foi criado, pois isso seria uma forma de niilismo e de pirronismo que devem ser evitadas. Trata-se de acatar o conhecimento que tem se mostrado útil e colocá-lo num contexto mais amplo em que tenha que demonstrar e argumentar a sua validade, por isso o autor denominar de retórico todo o conhecimento produzido numa transição paradigmática.

A ciência deve ser feita com "inteligência sábia", capaz de produzir saberes que propiciem conhecer e manipular o mundo, sim, porém no sentido de produzir o bem estar universal. Além disso, por não serem descartáveis em curto prazo, conforme afirma Bigarella (2009), é necessário que os pesquisadores se preocupem com a memória histórica da ciência e conheçam os trabalhos de seus antecessores, para evitar o que tem sido freqüente em ciência na atualidade: a reinvenção da roda. Nesta perspectiva, parece-nos pertinente afirmar que será pouco provável o aparecimento das surpresas que anteriormente apontamos, e o conhecimento que estará se construindo pouco, ou nada, acrescentará àquele que já está declarado no campo científico.

Como será, então, possível ensejar as surpresas? Uma realidade não se conhece apenas seguindo, de modo inflexível, passos de um formulário pré-estabelecido; uma realidade se revela mediante a ação do pesquisador como fato e fator integrante do conhecimento a se produzir. A partir desta premissa, é possível que as surpresas sejam muito mais freqüentes quando presente a objetividade dinâmica e a *sensibilidade* (conhecimento imediato que se dá pelas sensações e intuição) daquele que pesquisa, num processo continuamente permeado pela sua autobiografia, conforme descrita por Goolishinian e Anderson (1996). Mas ainda é pouco. É preciso também a *irreverência* do pesquisador que, segundo Cecchin (1996), não significa deixar a situação livre, ser irresponsável, mas se permitir ser subversivo (transformador) com respeito a qualquer verdade reificada.

O saber científico exerce grande influência sobre nossas concepções, nossas capacidades, nossos alcances, nossas relações, enfim, sobre o nosso modo de vida. Por isso, é imperioso renunciar à presunção cientificista, pela qual o compartilhamento deste saber tem tradicionalmente ocorrido apenas entre os pares cientistas. Segundo Sanches Neto (2010), a universidade/faculdade deve propiciar um contato com a ecologia dos saberes, deve desfazer as fronteiras com a sociedade geral e valorizar os vínculos do conhecimento científico com os saberes populares, para que assim se potencialize o seu

papel social. Santos (1995) afirma que os argumentos científicos têm que se fazer valer fora dos contextos conceituais em que durante muito tempo se defenderam de outras formas de conhecimento, mostrando a sua superioridade através da sua ininteligibilidade. Para o autor, é possível argumentar de forma inteligível um conhecimento rigoroso fora do círculo daqueles que o produzem, sendo que a ciência moderna deve. . .

. . . abandonar muito do seu discurso, muito do seu jargão – que muitas vezes é só técnico nas palavras, não havendo técnica por detrás, não havendo conhecimento sofisticado por detrás: o que há são palavras difíceis, ininteligíveis, herméticas, na base das quais a ciência criou a diferença. (Santos, 1995, p.14)

Façamos agora um exercício de raciocínio analógico. Consideremos que o saber científico é um legado da academia que, por direito, deve se estender à todas as pessoas e que este legado deve estar registrado em um testamento a ser comunicado para conhecimento de seus legatários. Ainda, consideremos que esta comunicação deve se fazer de modo entendível, a fim de que o seu teor seja compreendido e tenha utilidade para orientar as atividades humanas e promover as necessárias transformações de uma dada realidade social. Conforme diz Arendt (1954/1992), sem um testamento que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os achados e qual os seus valores, “. . . parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem” (p.31). Para ela, isso acontece porque, embora sendo um dos mais importantes modos do pensamento, a memória é impotente fora de um quadro preestabelecido de referências. Ou seja, atores e testemunhas vivos não que se tornar conscientes de um intervalo de tempo determinado por coisas que não são mais (passado) e por aquelas que não são ainda (futuro) para, num registro testamental possam mostrar a verdade daquele momento e, então, submeter-se às naturais críticas sobre a mesma.

Lafer (1992), afirma que o progresso da ciência implicou numa linguagem científica cuja formalização crescente esvaziou de sentido a nossa percepção concreta. Assim, é preciso que o conhecimento científico, do qual somos seus legítimos herdeiros, nos seja legado em testamentos inteligíveis a todos os segmentos de uma sociedade, para que não venhamos algum dia, parafraseando o aforismo do poeta René Char (1946, citado por Arendt, 1954/1992), afirmar que “Notre héritage n`est précède d`aucun testament<sup>1</sup>”.

Sob esta perspectiva, depreendemos que um novo paradigma de comunicação científica necessita ser formatado. Segundo Santos (1995), uma transição paradigmática provavelmente leve mais de cem anos, de 150 anos, ou eventualmente de 200 anos para se consolidar. No entanto, poderíamos dizer que este é um tempo relativamente pequeno quando se tem por intuito a democratização do conhecimento.

A comunicação científica não deve ser um processo linear de instilar informações “de cima para baixo” (top down), mas ser expressa de modo argumentativo, dialógico e interativo. É uma atividade que implica ultrapassar a

---

1 “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento.”

exposição dos aspectos puramente técnicos, metodológicos e se estender às expectativas, incertezas, convicções e práticas do próprio pesquisador. (Roland, 2006).

A fim de que se estabeleça o diálogo entre os cientistas e a comunidade leiga, Lévi-Leblond (2006) afirma ser preciso uma linguagem que, paralelamente à compreensão, possibilite também, conforme apontado por Jurdant (2006), a reflexão sobre a aplicabilidade e a aplicação da produção científica. Nesta mesma direção, Hayashi (2009), diz que além de divulgar o conhecimento produzido em relatórios científicos e técnicos, os pesquisadores têm o compromisso de fazê-lo também à sociedade na qual estão inseridos, publicando artigos, realizando palestras e conferências, por serem estes foros privilegiados de troca de experiências, possibilidades de parcerias e aprofundamento das questões em tela.

A teoria deixou de ser um sistema de verdades interligadas; transformou-se numa hipótese de trabalho que se modifica de acordo com os seus resultados e cuja validade não está na dependência da verdade que revela, mas no fato de ser ou não funcional (Lafer, 1992). É por isso que o processo de construção de um determinado conhecimento científico não se finda com a sua divulgação, termo aqui usado no sentido de disponibilizar as informações a quem se interessar. É preciso ir além da mera divulgação, é preciso realizar a comunicação dos conhecimentos científicos sempre em construção.

Para Ferreira (2008), este tipo de comunicação é uma oportunidade para submeter ao debate crítico o resultado do que se pesquisou, para a emergência de outras hipóteses às questões que se pretendem responder e, principalmente, para evitar a concretização da *achologia*<sup>2</sup>, ao abrir espaço aos interlocutores para a contra-argumentação. Segundo a autora, tanto a produção do conhecimento quanto a sua comunicação junto à sociedade leiga e científica são meios indissociáveis para que o mesmo possa se revestir o máximo possível de lógica, sobreviver ao confronto e não sucumbir aos dogmas. Afinal, conforme as sábias palavras de Demo (1992): "... na prática, nenhuma teoria se sustenta inteiramente. Por isso, em ciência não existe a última palavra; deve sim existir a discussão constante da última palavra".

Vogt, Knobel, Castelfranchi, Evangelista, Gartner (2006) e Roland (2006), também afirmam que não há ciência sem comunicação e consideram que o modelo tradicional de divulgação científica não tem sido suficiente para aproximar a sociedade leiga para o seu compartilhamento. "Reconhecendo que a palavra "ciência" assusta a maioria dos cidadãos, as próprias instituições científicas e as universidades, passaram a considerar outros modelos de divulgação, de modo a conquistar audiência, pois "... quando falta a interação, a mais bela mensagem não tem outro destino senão o fracasso tático, estratégico e político". (Vogt, 2006, p. 21).

Enfim, os "pesquisadores devem retomar a palavra" (Roland, 2006, p.79), não podemos mais nos limitar a meramente divulgar hermeticamente os resultados de

---

2 Expressão que pessoalmente temos usado quando necessitamos nos referir às considerações derivadas do achismo. Segundo Houaiss (Dicionário Eletrônico, de dezembro/2001), achismo é uma teorização fundada no subjetivismo do "eu acho que".

nossos estudos; é preciso comunicá-los! Vivemos em um mundo de palavras . . . os nossos pensamentos, o mundo de nossa imaginação, nossas comunicações e nossa rica cultura são tecidos nos teares da linguagem . . . Nós pensamos através de palavras. (Leakey, citado por Castro, 2009, p. 24). Quando falamos e/ou escrevemos, estamos nos posicionando e sendo posicionados no mundo, revelando quem somos, o que fazemos e o que pretendemos legar com a nossa existência. Além disso, é preciso evitar o que Briguet (2009) considera como maior pesadelo do nosso tempo: o seqüestro da linguagem – a perda do sentido das palavras -, num processo de prolongada hipnose cultural e ideológica que nos condena à afasia coletiva.

Ferreira, S. L. (2010). Dynamic objectivity, sensitivity and boldness in the production and scientific communication in post-modernity. *Revista de Psicologia da Unesp*, 10(1), 58-69.

**Abstract:** *In post-modernity, the universality and appearance of absolute truths were questioned, resulting in the undermining of the scientific model that promised to transform all political and social issues into technical problems. It became impossible for scientists to define a single research methodology, and the science started to admit that the subject as a constituent of the field of study. From this perspective, the dynamic objectivity, sensitivity and boldness of the researcher are highlighted as suitable features of the research process. For the new scientific model, another paradigm for to make publish of knowledge also have be originate because scientific information cannot just be made available, it has to be eloquent and articulate, to where the universitys can fulfill their social role and clear the barriers between lay people and scientists.*

**Keywords:** *science, post-modernity, science communication.*

### **Referências**

- Arendt, H. (1992) Prefácio: a quebra entre o passado e o futuro. In H. Arendt, *Entre o passado e o futuro*. [Between past and future]. (M. W. B. de Almeida trad.). pp. 28-42. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1954).
- Arendt, R. J. J. (2003). Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, v. 8 (1), 5-13.
- Bigarella, J. J. (2009). Moderno “sábio enciclopédico”. *Revista de Ciência, Tecnologia e Inovação Sem Fronteiras*. Curitiba. Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná, 8-11.
- Briguet, P. (2009). Não democratizo! *Jornal de Londrina*. Geral Cidade. 18 de novembro de 2009, p. 5.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, Harvard University Press.

- Castro, C. M. (2009, julho). Os meninos-lobo. *Revista Veja*. ano 42, nº 27, 24-24.
- Cecchin, G. (1996). Construcionismo social e irreverência terapêutica. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 216-225. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Char, R. *Feuillets d'Hypnos*. Paris, 1946.
- Demo, P. (1992). *O papel da universidade*. Palestra. Universidade Estadual de Londrina, 30 de nov.1992.
- Eloy, C. B.; Quadrini, E. T.; Macedo & L. M.; Constantino, E. P. (2007). O método histórico-dialético: contribuições da teoria das representações sociais e da psicologia sócio-histórica. In E. P. Constantino (org). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. pp. 39-60. São Paulo: Unesp/Arte & Ciência Editora.
- Escobar, A. (2006). Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In B. de S. Santos, (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*, pp. 639-666. São Paulo: Cortez.
- Ferreira, S. L. (2008). Acessibilidade no ensino superior: ainda uma questão de equiparação de oportunidades para os estudantes com deficiências ou limitações. *Forum*. Instituto Nacional de Educação de Surdos, v.17/18, 35-42.
- Feyerabend, P. (1977) *Contra o método. Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. [Against Method] (O. S. Mota e L. Hegenberg trad.). (Trabalho original publicado em 1975). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- Foerster, H. von. (1996). Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 59-74. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Glaserfeld, E. von. (1996). Diálogo. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e Subjetividade*, pp. 112-117. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goolishinian, H. A. & Anderson, H. (1996). Narrativa e *self*, alguns dilemas pós modernos da psicoterapia. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 191-199. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gracia, T. I. (2001) ¿Fondear en la objetividad o navegar hacia el placer? *Athenea Digital*, 31-37. Acessado em 21/10/2007, de <http://antalya.uab.es/athenea/num0/ibanez.pdf>
- Guattari, F. (1996). Diálogo. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 200-203. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hayashi, M. C. (2009). A universidade e a produção do conhecimento em Educação Especial. Entrevista. *ClickCiência*. UFSCar, edição 20, jan.2009. Acessado em 18/01/ 2010, do

<http://www2.ufscar.br/interfaceframes/index.php?link=http://www.clickciencia.ufscar.br>

- Harvey, D. (2001). *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Jurdant, B. (2006) Falar a Ciência? In C. Vogt, Carlos (org). *Cultura científica: desafios*. pp. 44-55. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- Keller, E. F. (1996). O paradoxo da subjetividade científica. In Dora Fried Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. p. 93-111. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Khun, T. (1970). A ciência normal como resolução de quebra-cabeças. In T. A. Khun. *A estrutura das revoluções científicas*, pp. 57-76. São Paulo: Perspectiva.
- Lafer, C. (1992). Da dignidade da política: sobre Hannah Arendt. In: H. Arendt , *Entre o passado e o futuro*. [Between past and future]. (M. W. B. de Almeida trad.). pp. 9-27. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1954).
- Lévi-Lebond, J. M. (2006). Cultura científica: impossível e necessária. In C. Vogt (org). *Cultura científica: desafios*. pp. 28-43. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Maffesoli, M. (1998). *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. pp. 1-43. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Morin, E. (2003). Diálogo da ordem e da desordem. In E. Morin, *Método I: a natureza da natureza*. (M. G. Bragança trad.). 2. ed. Porto Alegre: Sulina. (Trabalho original publicado em 1997).
- Oliveira, V. F. (2001). Epistemologia e produção do conhecimento em educação especial. In F. P. Nunes & M. I. Naujorks, *Pesquisa em educação especial. O desafio da qualificação*, pp. 17-29. Bauru, SP: EDUSC.
- Palmieri, M.W.A.R. & Martins, J. B. (2008). Possibilidades e desafios da produção científica no campo da psicologia: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Universidade Estadual de Maringá, 13 (4), 743-752.
- Pazian, R. T. & Mattioli, O. C. (2007). A pesquisa científica e o método psicanalítico. In E. P. Constantino (org). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*, pp.103-115. São Paulo: Unesp/Arte & Ciência Editora.
- Pimenta, D. A. O; Damasceno, E. R. M. & Valente, M. L. L. C. (2007). Escolhendo o método psicanalítico para o trabalho de pesquisa com famílias. In E. P. Constantino (org). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*, pp. 117-143. São Paulo: Unesp/Arte & Ciência Editora.
- Popper, K. R. (2007). *A lógica do conhecimento científico*. São Paulo: Cultrix.
- Roland, M.-C. (2006). Convite aos pesquisadores para uma reflexão sobre suas práticas de pesquisa. In C. Vogt (org). *Cultura científica: desafios*. pp. 56-82. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- Sanches Neto, M. (2010). Um grande legado. In L. Pupatto, *Muito além do jardim*. Curitiba: Seti.

*Objetividade dinâmica, sensibilidade e irreverência na produção e comunicação científica na pós-modernidade.*

- Santos, B. S. (1988). Um discurso sobre as ciências na transição pós-moderna. *Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo. v.2 (2), 46-71.
- Santos, B. S. (1995). Entrevista concedida ao professor Jurandir Malerba. *Cadernos de METEP*. Universidade Estadual de Maringá. Ano 7, n.6, 9-34.
- Santos, B. S. (1999). *Um discurso sobre as ciências*. 11ª edição. Porto: Edições Afrontamento.
- Schnitman, D. F. (1996). Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 9-21. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Schnitman, D. F. & Fuks, S. I. (1996) Reflexões, certezas e interrogações. In D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 290-294. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stengers, I. (2003). Para além da Grande Separação, tornamo-nos civilizados? In B. S. Santos, *Conhecimento prudente para uma vida decente*. pp.131- 150. São Paulo: Cortez.
- Vogt, C. (2006). Introdução. Ciência, comunicação e cultura científica. In: C. Vogt (org). *Cultura científica: desafio*. pp. 20- 26. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- Vogt, C.; Knobel, M.; Castelfranchi, Y.; Evangelista, R; & Gartner, V. (2006) Construindo um barômetro da ciência e tecnologia na mídia. In C. Vogt (org). *Cultura científica: desafios*, pp. 84-130. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- Zemelman, H. (2006). Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In B. S. Santos, *Conhecimento decente para uma vida prudente: um discurso sobre as ciências revisitado*. pp. 457-468. São Paulo: Cortez.

*Recebido: 01 de fevereiro de 2010.*

*Aprovado: 10 de março de 2010.*